



DIÁLOGOS PRÓ-AÇAÍ

ATA - GT GOVERNANÇA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

5o ENCONTRO

DATA: 20/01/2021

Participantes: Dolores (Inmetro), Rogério (Inmetro), Cassio (Cooprojirau), Carlos Ramos (consultor), Florence (Conab), Renata (Instituto Terroá).

Registro: Instituto Terroá

Pauta:

- ✓ Breve retrospectiva e apresentação de novos participantes;
- ✓ Planejamento Geral Diálogos Pró-Açaí – 2021;
- ✓ Levantamento de dados – Gestão da Informação.

Apresentações iniciais

Foi feita uma breve retrospectiva sobre as ações que vêm sendo desenvolvidas no âmbito deste GT, e da iniciativa Diálogos Pró-Açaí como um todo, para contextualizar os novos participantes sobre as agendas em curso.

Na sequência, os novos participantes se apresentaram. Florence é engenheira de alimentos e analista de mercado de alguns produtos da sociobiodiversidade da CONAB. A Conab tem uma política de preços mínimos para produtos da sociobiodiversidade, com pagamento de subvenção a extrativistas, e faz o acompanhamento periódico do mercado de preços e de comercialização. A Conab possui uma capilaridade que possibilita esse levantamento a nível nacional. Produzem o boletim da sociobiodiversidade periodicamente, e sobre alguns produtos são lançadas conjunturas, como para o açaí. Ela esclareceu a relação entre Conab e IBGE para levantamento de dados – o que ocorre é uma troca de informações, não há um trabalho feito em conjunto. Existe sempre um diálogo, mas em campo as instituições não atuam de forma conjunta. A Conab usa os dados do IBGE para elaboração de seus boletins.

Carlos Ramos é engenheiro florestal, consultor ecossocial, e tem uma pequena empresa de consultoria chamada Estuário Serviços. É assessor técnico da



FETAGRI/PA; colaborador da CPT; e foi, recentemente, consultor do PNUD/projeto Bem Diverso; elabora projetos para o Ministério Público Estadual (MPE)/PA, no âmbito da Câmara de Tratamento de Conflitos. Esteve envolvido com projetos relacionados ao açaí, e faz parte da Rota do Açaí do Nordeste Paraense. Atualmente, se dedica a uma análise de planos de manejo comunitários.

Apresentação: Ações Prioritárias - Planejamento Diálogos 2021

- ✓ Funcionamento pleno dos GTs (articulação, facilitação e sistematização);
- ✓ Articulação de agenda conjunta entre IBGE, MAPA, CONAB, cooperativas e empresas para atualização e publicização de informações sobre a cadeia do açaí;
- ✓ Interlocução com cooperativas de açaí para levantamento de principais demandas em assistência técnica e de gestão; interlocução com organizações que atuam com formação profissional para levantamento de ofertas e conteúdos técnicos;
- ✓ Elaboração de matriz e estudo de riscos potenciais destinados a empreendimentos produtivos e sistemas de certificação;
- ✓ Workshops temáticos e gerais;
- ✓ Participação em eventos externos e redes;
- ✓ Comunicação, website e repositório;
- ✓ Captação de recursos;
- ✓ Propostas em construção – União Europeia.

Também, existem outras ações que podem ser construídas ainda em 2021: criação de novos GTs e eventos – "rodas de diálogos" sobre Ciência e Inovação; Formação Profissional e Produção e Negócios.

Diante do colocado, as/os participantes do grupo foram provocadas/os com a seguinte pergunta – **Como engajar novos membros à iniciativa, incluindo as cooperativas?**

Pontos dialogados sobre o planejamento

Rogério – destacou a importância da iniciativa em desenvolver projetos, e relembrou a todas/os que, atualmente, não temos nenhuma fonte de recurso voltada exclusivamente para a manutenção da secretaria executiva dos Diálogos, mostrando, assim, a necessidade de esforços coletivos para captar recursos em prol deste objetivo. Reforçou a importância da manutenção das reuniões periódicas e de mantermos o engajamento em relação à gestão da informação



na cadeia de valor do açaí. O Inmetro, por meio da Plataforma Brasileira de Normas Voluntárias de Sustentabilidade, apoia a iniciativa.

Cássio – Entrou em contato com o presidente da Emater/RO, e informou que já está colaborando com a PAM/IBGE, e se colocou à disposição para qualquer informação que o grupo precisar. Solicitou informação à Secretaria de Estado de Agricultura/RO (SEAGRI/RO) em relação às agroindústrias do estado. A OCB/RO se colocou à disposição para fazer contato com as cooperativas relacionadas ao açaí, para alguma ação ou evento relacionado aos Diálogos.

A Coopprojirau e o projeto Reça foram selecionados para participar, enquanto iniciativas do estado de RO, do Programa Brasil Mais Cooperativo, junto à OCB e MAPA, via termos de cooperação técnica. O projeto está sendo expandido para mais sete estados. A OCB/RO está interessada em estreitar laços com os Diálogos.

Renata – Comentou sobre a possibilidade de construção de um seminário virtual envolvendo agroindústrias e empresas do açaí, para troca de experiências e possível construção de agendas conjuntas. As ideias para este evento ainda são iniciais, mas certamente serão aprofundadas com o coletivo nos meses vindouros, com perspectiva de que se efetive em março de 2021.

Demais apontamentos

Carlos destacou resultados de um estudo feito recentemente para o Pnud sobre municípios da Amazônia Legal que possuem UCs de uso sustentável – os municípios que apresentaram menores índices de desmatamento foram os que tem UCs com propostas econômicas que dialogam com a floresta, o que inclui, de forma significativa, os municípios do Marajó que têm o açaí como principal, ou uma das principais, fonte de renda. Esse estudo terá uma segunda fase.

Indicou a leitura do artigo realizado com Ana Euler (Embrapa) intitulado “Quarta baliza do agroextrativismo no estuário do rio Amazonas: da luta pela terra à consolidação da economia do açaí”. Acesso em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1122422/1/CPAF-AP-2020-Quarta-baliza-agroextrativismo.pdf>

Apresentação - Levantamento de dados – Gestão da Informação

- ✓ O que fizemos até agora? (IBGE; articulação com MAPA; possível seminário via Secretaria Extrativismo/MAPA – dados do Pará);



- ✓ O que temos em mãos?
- ✓ Estratégia de levantamento de dados;
- ✓ Solicitação do IBGE – Lista de informantes qualificados;
- ✓ Construção coletiva – Devolutiva ao IBGE; participação nas REAGROS;
- ✓ Sugestão – Agendar reunião para semana que vem – FT Dados e IBGE.

Pontos dialogados

Carlos – Chamou a atenção para a quantidade de fazendas que atualmente plantam açaí no estado do Pará. Caso típico de Oriximiná – região que foi desmatada, teve um ciclo de pecuária, e agora produz açaí. Para manter essa produção se utilizam insumos químicos, o que até dez anos atrás era impensável. Quando se analisa o censo do IBGE, o que vem da floresta e o que vem de área plantada? Este fator é tão importante que a Embrapa e a Emater hoje não falam em sistema de manejo do açaí, mas em sistema de manejo de várzea. Tem uma outra vertente que se volta para o plantio de açaí em áreas que foram desmatadas, e que não se configuram em recuperação de áreas degradadas, e que se misturam no mercado com o açaí da floresta. Então, faz-se necessária essa distinção entre esses dois modelos nas bases de dados. “O que não pode ocorrer é disfarçar um produto como orgânico ou sustentável vindo de uma área de plantio que foi desmatada. Tipo de quadro e cenário que precisamos estar preparados para fazer essa discussão”.

Sugestão – fazer um cruzamento de dados entre os dados do IBGE e com a plataforma do Cadastro Ambiental Rural (CAR) e encontrar o que tem de floresta nessas áreas registradas. A junção dessas duas plataformas seria muito interessante. Existem alguns artigos que falam sobre a “açaização”.

Florence – Comentou sobre viagem realizada para o Pará, na região do Baixo Tocantins, em trabalho de campo pela Conab, pela qual visitaram produtores, batedeiras, agroindústrias e indústrias processadoras, para ter uma impressão inicial de como está se dando essa questão do avanço dos plantios de açaí na região. Tanto no Baixo Tocantins como na região de Belém, essas/es informantes disseram que desconheciam qualquer tipo de área plantada, mas que o açaí comprado era de área do extrativismo/de várzea. Apenas uma fábrica na região de Igarapé-Miri afirmou que cerca de 30% do açaí comprado era proveniente de área plantada, a qual pertence a própria empresa. Hoje a Conab, para pagamento da subvenção, utiliza os dados da PAM e PEVS, pois considera que a área plantada é ainda muito pequena em relação a área do extrativismo.



Ainda, esclareceu que a Conab não faz levantamento da produção, mas sim levantamento de preço (semanal) e custo de produção (anual) da sociobiodiversidade. O que se faz, geralmente, para discutir o perfil de comportamento do mercado, é a partir dos dados do IBGE interpretar um padrão em diálogo com os atores do mercado. Não faz parte da missão da Conab fazer o levantamento da produção.

Com relação aos dados de exportação, a Conab sempre tenta articular com o pessoal da Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA/PA). “Temos os dados da Câmara do Comércio Exterior (Camex)/Ministério da Economia e da AGROSTAT/MAPA, e a NCM do açaí é recente, então muitos produtores não lançam via esta NCM ainda. Então, a partir desses dados, fazemos a relação com outras NCMs, fazemos um cálculo, cruzamos com os valores da FIEPA, dialogamos com o SINDFRUTAS, para chegar em um cenário a ser informado no boletim de conjuntura”.

Encaminhamentos

- ✓ Acordada a participação de membros dos Diálogos nas REAGROS estaduais, com maior empenho para estar presente e colaborar junto aos maiores estados produtores de açaí (PA, AM, AP), e também de Rondônia (partindo do pressuposto que já temos uma articulação em andamento capitaneada pelo Cássio/Coopprojirau).
- ✓ Foram definidos os membros e organizações a integrar a lista de participantes das REAGROS/IBGE – Cássio/Coopprojirau; Dolores e Rogério (Inmetro); Renata (Terroá); Brito (Frooty).